

GRANDE EXPEDIENTE

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - PELO ART. 82 - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, telespectadores da TV Assembleia, gostaria de dizer que estamos indignados com a situação da Prefeitura de São Paulo. O nosso mandato tem um trabalho intenso na capital. Não podemos deixar de registrar o que vem acontecendo, todas as denúncias que vêm ocorrendo contra o Prefeito Gilberto Kassab.

A primeira delas é em relação ao fato de que o Prefeito de São Paulo, a maior cidade da América Latina, está nomeando para os conselhos administrativos das empresas estatais quadros políticos, principalmente quadros derrotados na eleição do ano passado. Por exemplo, a nomeação recente do ex-Senador Marco Maciel, do DEM, que já foi até governador bônico de Pernambuco na ditadura militar, foi ex-vice-Presidente da República das duas gestões do ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso e Senador da República. Recentemente, foi nomeado para compor o Conselho de Administração da CET e da SPTurismo. Ou seja, uma pessoa que mora em Recife, que não tem nada a ver com São Paulo, é nomeada em dois conselhos administrativos. Marco Maciel vai ter um salário de 12 mil reais para participar esporadicamente de alguma reunião.

Mas não é só ele. Temos também a nomeação de outro derrotado na eleição do ano passado, Raul Jungmann, também de Pernambuco, do PPS, que foi nomeado para o Conselho Administrativo da CET. Vai ganhar seis mil reais para participar de algumas poucas reuniões durante o ano.

Sr. Presidente, é um absurdo que o Prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, esteja utilizando a Administração Municipal para fazer política e acomodar os seus apoiadores e políticos com quem tem feito alianças políticas. O Prefeito Gilberto Kassab está abertamente em praça pública, instrumentalizando os cargos da Prefeitura de São Paulo, que são pagos com o dinheiro público dos nossos impostos para construir o seu partido, o PSD. Está loteando a prefeitura à luz do dia. E ninguém toma providência em relação a isso.

Onde estão o Ministério Público de São Paulo e a Câmara Municipal para fazer uma intervenção nesse loteamento, que é feito assim de forma escancarada? Não basta isso, Sr. Presidente. Temos outras denúncias. Por exemplo, o Prefeito de São Paulo entregou uma secretaria agora para um deputado estadual do PMDB, que não foi reeleito. O ex-deputado é de Barretos, não tem nada a ver com a Cidade de São Paulo, mas como o prefeito quer que o PMDB faça parte da sua base de sustentação, entrega uma secretaria para um político de Barretos. Não tenho nada contra o Deputado Uebe Rezek, mas não tem sentido uma nomeação como essa aqui na Capital.

É extremamente preocupante esse loteamento a céu aberto da Prefeitura de São Paulo. Há outras denúncias que não tem tempo de relatar, mas queremos registrar o artigo de hoje do Fernando Barros da Silva, da "Folha de S.Paulo", que faz uma denúncia séria. Ele diz que o Prefeito Gilberto Kassab está respondendo pessoalmente ao inquérito no Ministério Público estadual, por conta do contrato firmado com a empresa Controlar, que faz inspeção veicular na cidade de São Paulo. A empresa cobra de cada proprietário de automóvel 61 reais para fazer inspeção veicular. Há sérias denúncias, inclusive um inquérito civil investigando esse contrato feito em 1996 pelo ex-Prefeito Paulo Maluf, com parecer técnico contrário da prefeitura. Mesmo assim, o contrato foi referendado pelo Prefeito Gilberto Kassab. Na última sexta-feira, o prefeito foi depor no Ministério Público e ficou lá três horas dependendo e explicando esse contrato suspeito.

Queremos explicações em relação a esse fato, até porque vamos instalar inspeção veicular em todo o Estado. Parece-me que o Governo estadual estaria encaminhando - não sei se já encaminhou - um projeto de lei para a Assembleia Legislativa. Já nos manifestamos totalmente contra este projeto, que vai onerar os 42 milhões de habitantes do Estado de São Paulo.

São então todas essas denúncias que nos preocupam muito. A Administração Pública não pode estar a reboque do fisiologismo, do clientelismo político e, sobretudo, a serviço da montagem de um novo partido, que nem ideologia tem. O próprio prefeito diz que o PSD não é da esquerda, não é do centro, não é da direita. Acho que é o partido da boquinha: onde houver mais cargos, este partido estará posicionado.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. OLÍMPIO GOMES - PDT - PARA COMUNICAÇÃO - Sr. Presidente, já falei no Pequeno Expediente a respeito dos ataques do PCC em 2006, quando comentei de dois ataques a bases policiais da Guarda Municipal de Santo André, e a 1ª Companhia do 5º Batalhão, próximo a Fernão Dias. Gostaria de lembrar a todos os policiais civis e militares, a todos os agentes penitenciários para redobrarem a cautela. Mais de 10 mil criminosos saíram no 'insulto' do Dia das Mães, não indulto, mas um insulto ao cidadão que paga os seus impostos - não precisa nem ter mãe para conseguir o benefício da saída - e existe um momento de apreensão. Os companheiros que estão de serviço nas viaturas, nas bases ou se deslocando no transporte público tomem todo cuidado, porque para o marginal a coisa fica cada vez mais facilitada.

Falando sobre a campanha do desarmamento, a "Folha de S.Paulo", sem querer, dá uma orientação de como todo marginal pode se deslocar com a arma que quiser durante o período da campanha.

Eu sempre digo para o cidadão de bem, mas isso aqui serve de orientação para o criminoso hoje. Basta entrar no site da Polícia Federal www.dpf.gov.br e pegar uma guia para esse recolhimento.

Você, que é marginal e usou essa arma para praticar um crime, tenha a certeza de que não precisa se identificar, vai receber de 100 a 300 reais e a arma será destruída, destruindo assim a prova material de que você se envolveu em qualquer tipo de crime.

Infelizmente é o que temos hoje: o sistema de Segurança Pública batendo cabeça. As bases policiais ameaçadas.

Nesta madrugada, no Estado de São Paulo, mais três postos bancários foram violados a base de explosivos. Já são 45 casos este ano no Estado, mas tudo absolutamente tranquilo segundo a mídia e a mídia governamental.

No entanto, você que é agente público, você que é policial, você que é agente penitenciário, redobre a cautela, redobre a munição e se tiver que ficar viúva, que fique a mulher do bandido!

O SR. PRESIDENTE - JOOJI HATO - PMDB - Tem a palavra o nobre Deputado Adriano Diogo por 5 minutos, 43 segundos do tempo remanescente.

O SR. ADRIANO DIOGO - PT - SEM REVISÃO DO ORADOR - Sr. Presidente, quero comunicar que após usar o tempo remanescente do Grande Expediente usei da palavra pelo Art. 82 pela Liderança da Minoria.

Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, vou colocar no ar um trecho do noticiário da Globo News que diz respeito aos 30 anos do atentado ao Riocentro.

No dia 30 de abril de 1981 ocorria um show do 1º de maio no Riocentro, Rio de Janeiro, quando duas bombas explodiram num carro Puma, no colo de dois militares que estavam na entrada do espetáculo. Era um show com cinco mil pessoas, o dia em que Gonzaguinha se reconciliava com o Gonzagão.

Vamos ao documentário da época para lembrar este triste episódio da história do Brasil: "Trinta de abril de 1981, atentado ao Riocentro."

* * *

- É feita a exibição do vídeo.

* * *

"30 de Abril de 1981

Arquivo N mostra Imagens Censuradas do Atentado no Riocentro de 1981

Voz de Gonzaguinha - "Eu devo dizer a vocês uma coisa que é muito importante. Para isso as pessoas, organizadoras da festa, me pediram e me falaram: talvez não chegue depois do que vocês souberem. No meio do espetáculo, durante o espetáculo, explodiram, eu disse, explodiram duas bombas. Essas duas bombas que explodiram foram mais duas tentativas de acabar com a realização dessa festa que foi conseguida. (Palmas.)

Chico Buarque de Holanda - Eu tô falando. Ainda estou um pouco perplexo com isso. As informações são muito contraditórias. Eu não sei direito o que está acontecendo. Eu fico surpreso, ainda mais, se é verdade o que estão falando. É uma covardia sem nome."

Leilane Neubarth - A história tem 30 anos e ainda provoca medo e arrepião. Duas bombas explodiram no Riocentro, maior local de eventos do Rio de Janeiro. Foi justamente na hora que milhares de pessoas assistiam a um show em comemoração ao dia do trabalho. Até hoje a verdade é um silêncio.

O resultado da investigação feita pelo Exército continua sendo discutido. As imagens que vamos mostrar aqui no Arquivo N foram censuradas pelos militares durante todos esses anos. São arquivos da memória de um Brasil sombrio.

Mônica Yanakiev - Pouco depois das 9h30 da noite, uma bomba explodiu no Riocentro. As milhares de pessoas que assistiam ao show do primeiro de maio pensavam que se tratava de um problema no sistema de som."

Maurício Oliveira - Nós estávamos na cidade, eu e a Mônica, fazendo uma matéria e de repente fomos chamados para a redação para fazer um... a bomba tinha explodido no Riocentro. Nós fomos da cidade direta para o Riocentro.

Quando chegamos lá, deparamos com esse carro. Um Puma que tinha um militar dentro. A bomba explodiu no colo dele. Eu comecei a fazer as imagens e depois que fizemos essas imagens, nós levamos o material todo para a redação, onde foi visto em edição extraordinária no dia em que foi feita. Depois daquele dia, nunca mais. Ninguém soube das imagens. Disseram que as imagens tinham sido proibidas e levadas para algum lugar; que algum militar tinha levado; que algum militar baniu de ser exibido."

Caco Barcellos - Foi um impacto muito grande. Um choque para todo mundo. Toda a imprensa correu pra lá.

Cid Moreira - A Polícia Federal, a Polícia do Exército e a Secretaria de Segurança do Rio estão investigando, juntas, a explosão de duas bombas, ontem à noite no Riocentro em Jacarepaguá. Uma das bombas matou um sargento e feriu gravemente um capitão do Exército.

Leila Cordeiro - A primeira bomba explodiu às 9h30 da noite no pátio do estacionamento, dentro do Puma onde estava o Sargento Guilherme Pereira do Rosário e o Capitão do Exército Wilson Luiz Chaves Machado. Os dois estavam à paisana.

Júlio de Sá Bierrenbach - Se a imprensa não estivesse presente desde o primeiro momento, era possível que até hoje não se soubesse que tinham sido dois elementos do Exército; a verdade é essa".

Caco Barcellos - O General Waldyr Muniz, então Secretário de Segurança do Estado do Rio foi buscar nas extintas organizações de esquerda os autores do atentado: "Vamos ver quais são esses terroristas; quem são esses maus brasileiros; quais são esses materialistas. Será que esses materialistas não têm mãe, pai ou irmãos? Não creem nessa Pátria acolhedora que há de ser grande. Custe a violência que custar?"

Globo Repórter - 1996 - Uma sala escura. Perguntas proibidas. Apenas uma voz, a do encarregado do IPM Coronel Job Lorena de Sant'anna: "Primeiro, os dois militares foram vítimas de uma armadilha ardilosamente colocada no carro do Capitão."

Sem apontar os autores, ele acusa a extrema-esquerda pelo atentado. Um desfecho que transforma o inquérito numa das maiores farsas políticas da história do Brasil.

Júlio de Sá Bierrenbach - Era uma farsa. Isso eu não tive dúvida nenhuma desde aquele dia do show, do Coronel Job.

Caco Barcellos - Nessa fase toda, nós tentávamos com grande dificuldade contar essa parte da história do Brasil que, na verdade, está fechada até hoje. Até hoje muita gente tenta e encontra barreiras.

Caco Barcellos - * Desconfiança - Gal. Nilton Cerqueira - É o assunto que volta à tona. Não se sabe qual a motivação disso.

* Agressividade. Não interessa quem é você, cai fora!

* Brigas entre militares. Gal. Newton Cruz - Ele já disse que tinha que procurar o culpado na agência central que ele atendia.

* Almte. Maximiano da Fonseca - Não conheço ninguém que queria dar golpe.

* Gal. Newton Cruz - Ele é um canalha. C maiúsculo; A maiúsculo; N maiúsculo; A maiúsculo; L maiúsculo; H maiúsculo; A maiúsculo. Canalha".

* Muitos se negam a falar. General Waldyr Muniz: não tenho nada, nada a declarar.

* Induzem ao erro: Testemunha: A explosão da segunda bomba. Na verdade desapareceu ele e a casa de força.

* Escondem provas.

* Cram dificuldades para ninguém saber o que realmente aconteceu naquela noite de 30 de abril de 1981.

Leila Cordeiro - O Capitão Wilson Luiz, mesmo estando muito machucado, ainda conseguiu chegar até esse muro do Riocentro onde ficou esperando ser socorrido. Destroços do carro e pedaços do corpo do Sargento morto foram atirados a 50 metros de distância. Os peritos do Departamento Geral de Investigações Especiais desativaram mais duas bombas que estavam dentro do carro.

A segunda explosão foi na subestação de força do Riocentro. A bomba foi jogada por cima do muro, mas não atingiu o transformador de 25 mil volts.

General Newton Cruz - Ao lado estava havendo, no auditório, o show de primeiro de maio organizado pelo pessoal de esquerda. Eles continuavam com as mesmas ideias antigas. Essa época era época de contestação. Você tinha show, manifestações pela imprensa. Era tudo contestação. Nessa ocasião, a revolução já estava se desminguindo. Todo mundo contestava.

Caco Barcellos - Havia dentro das Forças Armadas um grupo chamado Linha Dura que era contrário a esse movimento pela redemocratização do País. Atribuiu-se esses atentados todos, a autoria deles, a esse grupo Linha Dura.

General Newton Cruz - Os responsáveis por aquela bomba foram exatamente, o Capitão na ocasião, e o Sargento. Só eles, mais ninguém. O Sargento morreu, ali, porque a bomba explodiu no colo dele.

Voz de Gonzaguinha - "Eu devo dizer a vocês uma coisa que é muito importante. Para isso, as pessoas organizadoras da festa me pediram e me falaram: talvez não chegue depois do que vocês souberem. No meio do espetáculo, durante o espetáculo, explodiram, eu disse, explodiram duas bombas. Essas duas bombas que explodiram foram mais duas tentativas de acabar com a realização dessa festa que foi conseguida. (Palmas.)

Essas duas bombas representam, exatamente, uma luta para destruir aquilo que nós todos queremos: uma democracia como é inegável. (Palmas.) Lembrem-se muito bem disso, porque depende de vocês essa festa no ano que vem. Por favor, desculpem, desculpem, desculpem, a festa é sua."

Marcelo Fróes - O Gonzaguinha anuncia aos presentes que aconteceu uma coisa muito sinistra no lado de fora. Ele fez a apresentação dele e antes de chamar o pai ao palco, o Gonzagão, que fechou a noite, ele contou o que tinha acontecido. Ele contou em dois minutos. Sem nada inflamado. Eu acho que nem ele estava sabendo direito. Ele estava cantando e alguém deve ter falado no canto do palco e ele resolveu avisar o que tinha acontecido. Isso sem saber exatamente o que tinha acontecido. A maioria foi saber muita tempo depois e deve ter gente que não sabe até hoje exatamente o que aconteceu.

Leila Cordeiro - Luiz Gonzaga, o que você achou desse acidente com as bombas justamente nesse dia em que todos os artistas estão reunidos aqui no Riocentro? É lamentável porque a gente veio participar de uma festa do povo, como esta, de peito aberto, cheios de vontade de participar e de repente surge um problema desses. Parece brincadeira, assustando todo mundo. Os artistas todos assustados, com medo. É uma insegurança total. Tomara que não passe disso.

Chico Buarque - Para mim é um ato terrorista contra o show primeiro de maio, contra o dia primeiro de maio. Eu acho que também contra o povo brasileiro, independente da música que se toque, independente do tudo.

Repórter - Seria mais um manifesto desfavorável à abertura?

Chico Buarque - Ah, claro!

Beth Carvalho - A ditadura militar fez isso. Ia matar todos nós, artistas. A maioria da música popular brasileira estava lá, e também mais de 20 mil pessoas assistindo a gente. Por sorte a bomba estourou no colo de quem ia jogar na gente. O desastre não foi maior.

Caco Barcellos - Felizmente a bomba estourou do lado de fora. O Coronel Willy também localizou outra bomba no palco. Atrás do palco, onde estavam os artistas fazendo as suas apresentações: Gal Costa, Alceu Valença, Chico Buarque, Luiz Gonzaga e outros grandes nomes da época. Todos comprometidos com o movimento pela democratização do País.

Alceu Valença - ... "Coração bobo, coração bala, coração balão, coração São João. A gente se ilude dizendo já não há mais coração. Bobobobobola, bala de balão. A gente se ilude dizendo já não há mais coração!" Estava cantando essa canção que fala das bombas de São João. Do coração bobo, do sentimento do povo, da ternura. De repente, eu vi uma coisa estranha que aconteceu no meu show. Era o seguinte: a plateia toda que estava ligada em mim, de repente, olhou pra trás. Depois voltou em seguida pra mim como se nada tivesse acontecido.

Elba Ramalho - Eu me lembro bem. Era casada com meu empresário Carlão e pedi que fôssemos pra casa porque eu estava meio... não me lembro bem o que era. Saimos os dois, e já no caminho cruzamos com caminhões do Exército, cheios, lotados, indo para o Riocentro. Fiquei desconfiada. Não que fosse uma bomba, mas que fosse alguma coisa que tivesse acontecido. Havia sempre ameaçados.

Magro Brás - Um grande momento da música popular brasileira. Estava todo mundo engajado. Toda aquela coisa de campanha. Em 1979, houve a abertura e teve o primeiro show primeiro de maio; em 80, o segundo, chegou a gerar um LP e em 81 teve esse. Foi bastante obscuro pelo acontecimento. Não teve nenhuma resenha, não tem material fotográfico nas redações. A cobertura que eventualmente aconteceu foi descartada, porque não foi aproveitado nada. Ninguém nem se preocupou em noticiar ou resenhar o que aconteceu naquele palco.

Leila Cordeiro - Vocês estão sabendo que explodiu uma bomba? "E, o cara falou, mas não deu para saber quem foi não." O que vocês acharam disso? "É mais uma coisa do governo. O governo está ai em cima."

Caco Barcellos - Vinte e três portas de emergência estavam trancadas. Naquela noite, todos os vigilantes foram remanejados, inclusive o chefe deles, o Tenente Cesar Wachuleck.

Magno Brás de Oliveira - O Wachulek foi deslocado para tomar conta de catracas. O chefe de segurança, que devia estar fazendo supervisão de tudo, dando orientações, as coordenações, estava tomando conta de roleta.

Angela Capobianco - Quando eu ia escolher o Wachulek, a equipe que ia trabalhar comigo disse: por favor, Wachulek na segurança não. No evento anterior, que foi do Milton Nascimento, ele foi o chefe de segurança e todo mundo sabe que o W